

## A PRESENÇA DAS CRIANÇAS NAS ESCRAVARIAS DE PIRATINI (1830-1870)

JOSÉ RICARDO RESENDE JR. <sup>1</sup>;  
; JONAS MOREIRA VARGAS <sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL - [josericaresendejr@gmail.com](mailto:josericaresendejr@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPEL – [jonasmvargas@yahoo.com.br](mailto:jonasmvargas@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a presença das crianças negras dentro das escravarias na Vila de Piratini (1830-1870), assim como a variação de seu preço (em mil réis) e sua distribuição por tamanho de escravaria. Essa investigação tem como fonte os inventários *post-mortem* de Piratini (1820-1870), disponíveis gratuitamente no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Sendo assim, o estudo enquadra-se na categoria de pesquisas a respeito da demografia da escravidão.

Piratini localizada no chamado escudo rio-grandense, banhada pelo rio que leva seu nome, durante os Oitocentos possuía uma economia agropecuária, sem a presença de grandes *plantations* e voltada para o abastecimento do mercado interno. Motta (1999) aponta para a necessidade de pesquisar as estruturas de posse que não sejam voltadas apenas à produção de monocultura em larga escala, como os grandes centros produtivos do sudeste, nordeste e extremo sul do Império. Esses grandes centros produtivos, em sua maioria, possuíam uma rede de consumo construída por produtores médios que abasteciam internamente essa economia, além disso, as pesquisas mais recentes apontam para a presença massiva de cativos nas médias escravarias, revelando novas características para a escravidão brasileira, como o aumento das crianças a partir do final do tráfico atlântico em regiões com essas características produtivas.

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa<sup>1</sup>, foram avaliados 255 inventários *post-mortem* levantados entre as décadas de 1830-1870<sup>2</sup>. O resumo dos inventários foi disponibilizado pela coleção “Catálogo Documentos da Escravidão” organizado pelo APERS. A partir das Informações dos inventários mapeamos a presença das crianças (0-14 anos)<sup>3</sup> e sua distribuição pelas escravarias.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

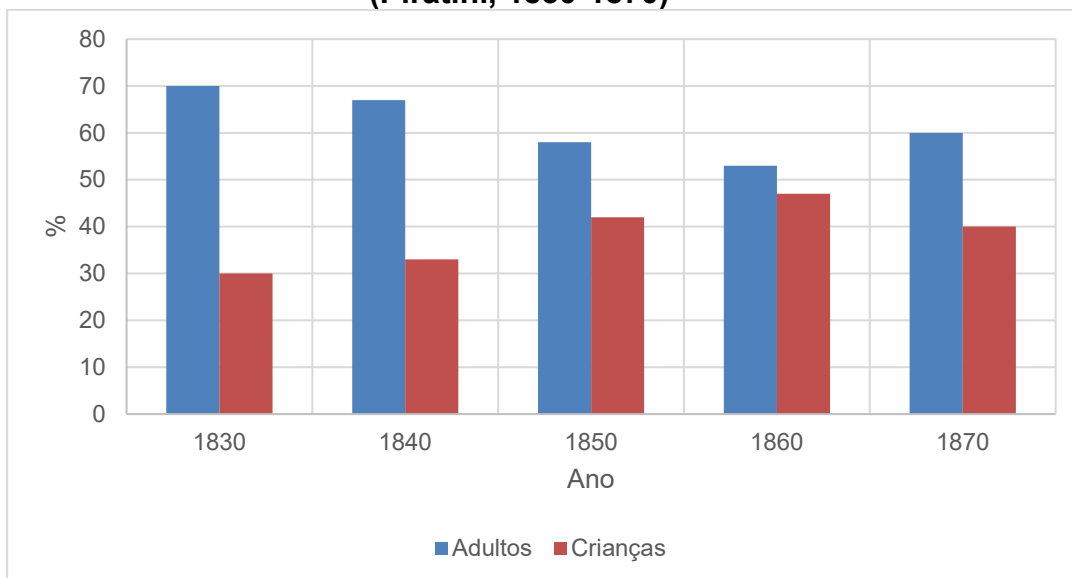
<sup>1</sup> Para entender mais sobre demografia e escravidão ler Motta (1999), Schawrtz (1988), afim de refletir sobre essa temática no Rio Grande do Sul: Zarth (2002), Araújo (2008), Farinatti (2010), Santos (2012)

<sup>2</sup> Recorte temporal pensado em razão das leis de controle do tráfico atlântico 1831 e 1850, até as margens da Liberdade do ventre 1871.

<sup>3</sup> No século XIX, as idades da vida eram compreendidas de forma distinta ao que concebemos hoje. Havia a primeira infância, do nascimento aos três anos, período em que a criança necessitava ser amamentada e cuidados específicos. A segunda infância começava desde então até por volta dos sete anos, quando havia a necessidade de cuidado, mas iniciava a preparação para a vida como os aprendizados possíveis. Entre os sete e os quatorze anos era a fase da puerícia, dos castigos e dos afastamentos. A juventude era reconhecida entre o final dessa fase aos vinte ou vinte cinco anos, conforme os sexos (MUAZE, 2008)

A partir da análise dos inventários, chegamos nos seguintes resultados:

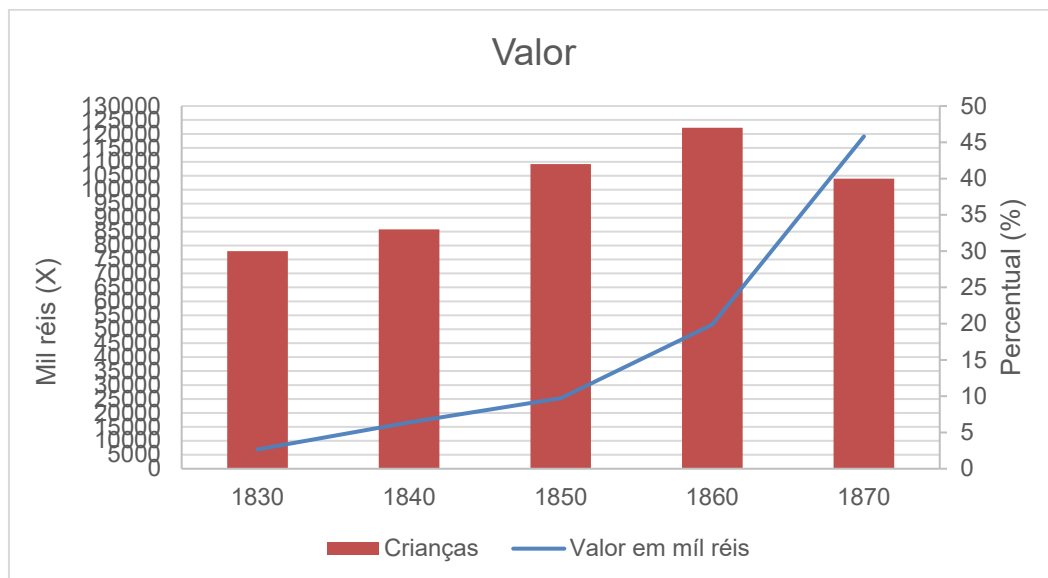
**Tabela 1. Presença de adultos e crianças nos inventários *post-mortem* (Piratini, 1830-1870)**



**Tabela 3. Presença das crianças e análise de estrutura de posse (Piratini, 1830-1870)**

Tamanho do plantel	Número de Inventários	Número de escravizados/as	Número de Crianças	Crianças 0-8	Crianças 9-14	Meninos	Meninas
Mais de 100	0	0	0	0	0	0	0
De 51 a 100	1	80	42 (52%)	13 (30%)	29 (70%)	25 (59%)	17 (40%)
De 26 a 50	6	202	87 (43%)	62 (71%)	25 (29%)	43 (49%)	39 (44%)
De 16 a 25	15	297	144 (48%)	92 (67%)	52 (33%)	78 (54%)	64 (44%)
De 6 a 15	89	771	307 (39%)	201 (64%)	106 (36%)	158 (51%)	148 (48%)
De 3 a 5	69	266	85 (31%)	58 (68%)	27 (32%)	41 (48%)	44 (52%)
De 1 a 2	75	117	22 (18%)	8 (36%)	14 (64%)	12 (54%)	9 (40%)

**Tabela 3. Variação no preço das crianças em *mil réis* (Piratini 1830-1870)**



Todas as tabelas tiveram seus dados retirados dos inventários *post-mortem* de Piratini, disponíveis no APERS

Sendo assim, encontramos um aumento exponencial das crianças nas escravarias de Piratini. Entre 1830-1870 ocorre a ascendência de 30%-47%, a partir dessa fonte, Podemos visualizar que nas escravarias de Piratini, durante o século XIX, quase metade da população cativa foi composta por crianças. Além disso, ocorre um aumento considerável em seu valor monetário, o que pode apenas emular um aumento geral dos preços dos escravizados, mas também pode significar uma mudança no lugar social dessas crianças, principalmente a partir da metade do século XIX, período correspondente ao aumento mais expressivo dos preços.

O fim do tráfico atlântico de escravos com a extinção da entrada de cativos no auge de sua força física, teria motivado uma utilização sistemática de mão de obra mais jovem (LIMA, 2010, p.97). As crianças em Piratini concentravam-se principalmente nas medias e pequenas escravarias, Teixeira (2008) explica as razões possíveis para o aumento de crianças nessas estruturas:

Lançamos três possíveis razões para as porcentagens obtidas nessas pequenas posses: a) devido ao menor número de escravos (muitas vezes não ia além da unidade) e considerando a dificuldade de enlaces entre escravos de propriedades distintas, as pequenas escravarias eram menos propícias à formação de famílias e, conseqüentemente, menos propícias à reprodução; b) a conservação de escravos mais produtivos e venda das crianças (um pequeno escravista nem sempre tinha condições de manter crianças sem que estas dessem retorno à produção) ; e c) cada criança nascida e mantida na pequena posse aumenta a possibilidade de que esta mesma posse passe de pequena a pequena-média escravaria (seis a dez escravos) (TEIXEIRA, 2008, p.5)

Acreditamos na mesma reflexão de Teixeira, principalmente considerando a economia abastecedora de Piratini, o que nos leva refletir sobre a origem dessas crianças. A partir dos inventários elas foram qualificadas como de origem crioula, portanto, possivelmente geradas a partir da reprodução endógena, tendo em vista o fim do tráfico. Em pesquisas futuras pretendemos problematizar essa categoria,

contrastando com as mais recentes pesquisas a respeito do aumento das crianças nas últimas décadas do tráfico atlântico.

#### 4. CONCLUSÕES

É necessário considerar que o fim do tráfico atlântico bagunçou a estrutura da escravidão por todo Brasil, uma possível estratégia para manutenção das escravarias foi o incentivo dos senhores para constituição de famílias que gerariam crianças, em contraponto, para os cativos, a família possibilitava novos horizontes para conquista da liberdade, mas de ambas as perspectivas podemos compreender que as crianças pareceram ter um papel fundamental na estrutura da escravidão, ao menos, para regiões de economias voltadas ao mercado interno e seu abastecimento.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARINTATTI, L. A. E. **Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825 – 1865)**. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2010

LIMA, J. H. – **O Café e Indústria em Minas Gerais: 1870-1920**, Vozes, Rio, 1981

MOTTA, José Flavio. **Corpos escravos, vontades livres. Posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)** São Paulo:FAPESP: Annablume, 1999.

TEIXEIRA, Heloísa. **A não-infância: crianças como mão-de-obra em Mariana (1850-1900)**. Tese(doutorado) PPHE. USP. 2007.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Companhia das letras, 1988

ZARTH, Paulo. **Do arcaico ao moderno: O Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Editora Unijuí. 2002